

**NESSE BAR VENDEM CAIPIRINHA: UMA ANÁLISE DO SINTAGMA  
PREPOSICIONADO LOCATIVO NÃO-ARGUMENTAL EM POSIÇÃO  
PRÉ-VERBAL**

**THIS BAR SELLS CAIPIRINHA: AN ANALYSIS OF THE NON-  
ARGUMENTATIVE LOCATIVE PREPOSITIONAL SYNTAX IN PRE-  
VERBAL POSITION**

Yan Dos Santos Silva<sup>1</sup>

**RESUMO:** As construções alojadas na periferia esquerda da sentença constantemente suscitam questionamentos. Pontes (1987) evidenciou, a partir de seus estudos, a recorrência de sintagma locativo em posição pré-verbal no Português Brasileiro, de forma que o PP<sub>loc</sub> não necessariamente mantém relação de concordância com o predicador verbal, como em [Na faculdade] PP<sub>loc</sub> estudam a relação científica entre o homem e a natureza. O objetivo, neste presente trabalho, é perfilar a ideia de que esses constituintes por estarem inseridos em uma localidade própria para abrigar o sujeito gramatical, mas não checarem Caso nominativo, não podem ser considerados sujeitos gramaticais, mas sim “sujeitos da predicação” (cf. Cardinaletti, 2004; Rizzi; Shlonsky, 2006), condição que é satisfeita quando esses constituintes são albergados em Spec, SubjP. Utilizando os pressupostos da Cartografia Sintática, a qual prevê que as sentenças das línguas naturais constituem estruturas demasiadamente mais desenvolvidas, comprehende-se que assumir uma única posição para o sujeito é simplório. Indo de encontro à Avelar e Cyrino (2015), expomos as razões pelas quais os locativos preposicionados não podem ocupar a posição de sujeito gramatical, contrariando os testes utilizados pelos próprios autores. Em relação à metodologia, utilizamos os dados presentes em trabalhos anteriores, sobretudo os da língua italiana, que revelam as propriedades morfossintáticas importantes para a análise do trabalho.

---

<sup>1</sup> Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Docente de Língua Portuguesa na Prefeitura Municipal de Itaboraí - RJ; Praça Mal. Floriano Peixoto, 97 - Centro, Itaboraí -CEP 24800-165- RJ, (21) 2645-5278 - yansilva@letras.ufrj.br

**Palavras-chave:** Locativo preposicionado pré-verbal; Cartografia Sintática; Sujeito gramatical; SubjP.

**ABSTRACT:** *The constructions located on the left periphery of the sentence constantly raise questions. Pontes (1987) showed, based on his studies, the recurrence of locative phrases in preverbal position in Brazilian Portuguese, such that the PPloc does not necessarily agree with the verbal predicate, as in [At college] PPloc they study the scientific relationship between man and nature. The objective of this paper is to outline the idea that these constituents, because they are inserted in a location suitable for housing the grammatical subject, but do not check the nominative case, cannot be considered grammatical subjects, but rather “subjects of predication” (Cardinaletti, 2004; Rizzi; Shlonsky, 2006), a condition that is satisfied when these constituents are housed in Spec, SubjP. Using the assumptions of Syntactic Cartography, which predicts that sentences in natural languages constitute overly developed structures, it is understood that assuming a single position for the subject is simplistic. Contrary to Avelar and Cyrino (2015), we present the reasons why prepositional locatives cannot occupy the position of grammatical subject, contradicting the tests used by the authors themselves. Regarding methodology, we use data from previous studies, especially those on the Italian language, which reveal the morphosyntactic properties important for the analysis of this work.*

**KEY-WORDS:** *Pre-verbal prepositional locative; Syntactic Cartography; Grammatical subject.*

## 1. INTRODUÇÃO

Desde a publicação dos trabalhos de Chomsky (cf. 1950 [2009], 1965), a Linguística Formal considera que a posição de sujeito é uma locação obrigatória na estrutura de quaisquer sentenças, embora a grade temático do verbo nem sempre requerer seu preenchimento (Chomsky, 1981). Nesta direção, verbos impessoais, como aqueles que denotam fenômenos da natureza, não determinariam um argumento externo. Nesta perspectiva, esta posição é preenchida comumente pelos argumentos dos predicadores, os quais recebem seus papéis

temáticos e estabelecem concordância com o predicador que os projetou, como se observa em (1).

- (1) Os transeuntes pararam na Cinelândia para assistir ao espetáculo.

Em (1), o DP *Os transeuntes* denota o argumento projetado pelo predicador *parar*. Neste local o DP recebe seu papel temático e estabelece concordância com o seu supracitado predicador.

Todavia, há constituintes morfologicamente dissonantes com o verbo, fato esse que nos leva a repensar sobre uma única posição destinada ao sujeito da estrutura, como se verifica em (2).

- (2) No shopping vendem qualquer coisa.

Em (2), o PPlloc *No shopping* não é determinado pelo predicador *vender* e, por isso, não recebe papel temático tampouco estabelece concordância com o verbo. No entanto, ele está albergado na periferia esquerda da sentença, fato que nos levaria a pensar em se tratar de um sujeito gramatical.

Considerando que tal sintagma não cumpre os requisitos necessários para ser um sujeito argumental, defendemos a ideia de que determinado constituinte está inserido em outra posição. Dessa forma, neste trabalho analisaremos o sintagma preposicionado locativo não-argumental em posição pré-verbal a partir dos subsídios que a Cartografia Sintática (Larson, 1988; Pollock, 1989; Cinque; Rizzi, 2010) nos fornece.

O Português Brasileiro (doravante PB) licencia PPs locativos em posição pré-verbal, a qual geralmente é destinada a abrigar o sujeito gramatical da sentença, como observamos em (3) e (4).

- (3) [Nesse sítio] <sub>PPlloc</sub> tem muita galinha.

- (4) [Naquela escola] <sub>PPlloc</sub> vendem salgadinhos na hora do recreio.

Em (3), há a ocorrência de um PP locativo em posição pré-verbal que estabelece concordância com o verbo. A princípio, nesse sentido, poder-se-ia pensar que tal mecanismo está associado à checagem de traço e ao estabelecimento de concordância ocorridos em Spec,

TP. No entanto, a partir do exemplo (4), defrontamo-nos com a diferença fonológica entre o PP locativo e o verbo.

Em que pese Chomsky (1981) assumir uma única posição destinada a valoração de traços de sujeito na estrutura, vimos em (4) que tal conjectura não dá conta por meio da análise empírica de dados da língua. Cardinaletti (2004), portanto, entende que no domínio flexional coexistem duas posições para o sujeito estrutural e, para isso, a autora lança exemplos que corroboram o seu posicionamento por intermédio de pronomes.

(5) a. Crede che tu sia ricco.

a'. \*Tu crede che sia ricco.

(Tu acreditas que sejas rico)

(6) Crede che tu solitamente esca alle due.

(Acreditas que tu somente saia às duas)

(Cardinaletti, 2004, p. 127)

Em (5), tem-se a agramaticalidade da frase no italiano devido à não possibilidade do pronome *tu* estar situado numa zona que abriga tópico. Em (6), por sua vez, há a verificação de que o pronome *tu* não é um clítico, uma vez que não precisa estar anexado ao verbo. Em (6), observamos que a posição do pronome afeta a gramaticalidade da sentença.

(6)a. il fatto che Gianni/lui, secondo noi, debba restare

(o fato que João/ele, em nossa opinião, deva ficar/permanecer)

b. ? il fatto che tu, secondo noi, debba restare

(o fato que tu, em nossa opinião, deva ficar/permanecer)

c. il fatto que, secondo noi, tu deba restare

(o fato que, em nossa opinião, tu devas ficar/permanecer)

d. \*il fatto che, secondo noi, debba restare

(o fato que, em nossa opinião, deva ficar/permanecer)

(Cardinaletti, 2004, p. 127)

Então, para Cardinaletti (2004), se se adotar uma única posição para sujeito é demasiadamente simplista e, consequentemente, faz-se necessário assumir mais de uma posição, entendemos que essas propriedades atribuídas aos sujeitos pré-verbais podem ser distribuídas em projeções funcionais, cada uma realizando um traço ou um conjunto de traços, tal como apregoado pela própria essência Cartográfica.

Além disso, outro objetivo do trabalho é questionar a defesa de Avelar e Cyrino (2015, p. 3), a qual prega que “[...] locativos preposicionados (doravante, PPloc) podem ocupar posição

gramatical de sujeito em sentenças com verbos transitivos do PB.””. Na visão dos autores, os PPlocativos entraram no curso da derivação como um constituinte nominal. Isso pode ser questionado porque não há comprovação empírica de que o núcleo de um PPloc é, de fato, um pronome adverbial dêitico.

Para tanto, o estudo estará dividido da seguinte maneira: posteriormente à introdução, na seção 2 trataremos da discussão acerca desses constituintes locativos pré-verbais que emergem no PB com recorrência e qual elucidação para eles a partir dos pressupostos do Programa Minimalista e da Cartografia Sintática; na seção 3 evidenciaremos a necessidade de se assumir mais uma posição para o sujeito a partir de contribuições da Sintaxe Cartográfica e, nas considerações finais, apontaremos as principais questões abordadas no presente trabalho.

## 2 . OS CONSTITUINTES LOCATIVOS PRÉ-VERBAIS NO PB

De acordo com velar (2009), as construções cujo constituinte preposicionado locativo é exibido em posição pré-verbal são nomeadas de inversão locativa<sup>2</sup>. Ainda que Avelar exiba a propriedade de que o PB “autorizaria” a concordância entre o constituinte pré-verbal e o verbo, não são raros os casos em que não se verifica tal concordância, como apontado em (7).

- (7) *[Nessas lojas]<sub>PPloc</sub> vende muita bijuteria.*

Mesmo nesses sintagmas em que não há simetria de concordância, o autor sustenta está-lo em posição de sujeito gramatical. Para isso, recorre a determinados testes que parecem problemáticos, uma vez que mexem com aceitabilidade e não grammaticalidade. Para “comprovar” que determinado constituinte está alocado na posição de sujeito, o primeiro teste refere-se à opção de inserir ou não o PPloc pré-verbal.

- (12) a. (Naquele quarto) várias pessoas dormiram.  
b. \* Dormiu/Dormiram várias pessoas.  
c. Naquele quarto dormiu/dormiram várias pessoas.

(Avelar, 2009, p. 237)

---

<sup>2</sup>Na visão de Levin & Rappaport (1995), a principal função da inversão locativa é apresentar um novo referente ao contexto. Neste âmbito, ainda que o sujeito gramatical tenha sido mencionado anteriormente, ele não é o centro da situação comunicativa.

Esse teste se mostra inadequado uma vez que, se o autor reconhece que o PPloc pode ocorrer concomitantemente ao sujeito grammatical pré-verbal, isso evidencia que há mais de uma posição de sujeito na hierarquia funcional. Outra análise é a de que, à medida que Avelar sustenta uma única posição para sujeito, dever-se-ia ser proibido (e não opcional) o PPloc em contexto com sujeitos pré-verbais.

Soma-se a esse teste o fato de que neste mesmo estudo o autor sustenta a ideia de que quando o sujeito não é manifestado, a construção é sintaticamente mal-formada se não houver um PPloc. Analisemos os exemplos extraídos do trabalho supracitado.

- (13) a. (Naquela loja) o Pedro vende todos os tipos de livro.
- b. \* Vende todos os tipos de livro.
- c. Naquela loja vende todos os tipos de livro.

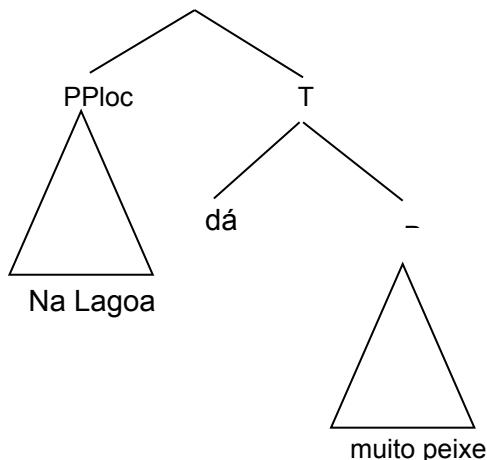
(Avelar, 2009, p. 237)

Em 13(c), ainda que não haja a presença de um PPloc, a sentença permanece bem formada se estiver relacionada a um contexto discursivo específico ou num domínio de pergunta-resposta (*out-of-the-blue*), como vemos em (7).

- (7)a. Quais tipos de livros vendem naquela loja?
- b. Vende todos os tipos de livro.

Utilizando-se dos pressupostos do Programa Minimalista, o autor defende que o requerimento grammatical autoriza a ocorrência de PPloc em [Spec,TP]. Segundo Avelar, os sintagmas preposicionados apresentam como núcleo um pronome adverbial dêitico ( como *aqui*, *ali*, *lá* ), que podem ser fonologicamente realizados ou nulo e não como núcleo uma preposição locativa, tal sintagma locativo poderia, teoricamente, ser realizado na posição de sujeito, uma vez que seria tratado como um constituinte nominal. Dessa forma, na frase (Lá) *[Na Lagoa]PPloc dá muito peixe*, teríamos a seguinte derivação.

Figura 01 - Diagrama arbóreo



Fonte: elaborado pelo autor

Levando em consideração essa abordagem, temos *Agree*, processo sintático aventado por Chomsky (2000). Para isso, nessa frase, teríamos o seguinte processo sintático: o AdvP *lá* é inserido como argumento externo em vP, consequentemente, T começa a valorização de traços- $\varphi$  por meio da sondagem interna. Tal processo reconhece os traços- $\varphi$  e os reproduz em T. A última operação seria o movimento de *[(Aqui)[Na Lagoa]]* para ser albergado na posição de Spec, TP.

Ainda que esse processo explique, formalmente, o acionamento da concordância entre PPloc e verbo, não especifica os casos em que tal concordância não é feita. Isso nos leva a pensar que nem todos os movimentos de sujeitos são ocasionados para satisfazer as exigências das propriedades de Caso-concordância, como aponta Rizzi (2005). Como forma de comprovar essa estrutura, Cardinaletti (2004) utiliza-se de dados do italiano, como veremos na próxima seção.

### 3. A POSIÇÃO SUBJP: EXPLORANDO A(S) POSIÇÃO(ÕES) DO SUJEITO DA SENTENÇA

Lembremos que na introdução ilustrei dois exemplos de Cardinaletti (2004) para a existência de mais uma posição para a valoração de sujeito. Nesta parte, evidenciarei mais um fator exposto pela autora para a existência da posição *SubjP*. Este exemplo especificamente tem relação com a competição de dois sintagmas para a mesma posição funcional, o que ocasiona a agramaticalidade da sentença.

- (8) a. Credo a Gianni pro piaccia.  
 (Acredito ao João *pro* agrada)  
 b. Credo a Gianni tu piaccia.  
 (Acredito ao João *tu* agradas)  
 c. \*Credo a Gianni Maria piaccia.  
 (Acredito ao João Maria agrada)

(Cardinaletti, 2004, p. 128)

Em (8)a e (8)b observamos a gramaticalidade da sentença em italiano uma vez que na primeira estrutura *a Gianni* e *pro* ocupam posições distintas na hierarquia funcional. O mesmo ocorre na segunda sentença, que se justifica pela dissidência posicional de *a Gianni* e *tu*. No entanto, em 8(c), observa-se a agramaticalidade pelo fato de *a Gianni* e *Maria* disputarem a mesma posição sintática.

No que concerne aos sujeitos quantificados, Cardinaletti (2004) também exibe uma série de evidências (por meio de sentenças) de que elementos quantificados e focalizados mesclam comportamentos, o que evidencia mais de uma posição para o sujeito.

- (9)a. Whom does no one love?  
 (A quem ninguém ama?)  
 b. \*Did yesterday John come? (Ontem João veio?)  
 c. \*Had yesterday John done that, ...  
 (Ontem João fez isso...)  
 d. \*Did only in that occasion John come?  
 (Somente naquela ocasião João veio?)

(Cardinaletti, 2004, p. 134)

Em (9)a, observamos a gramaticalidade da frase a partir de um sujeito quantificado juntamente com o verbo *amar* que fora alçado. Em contrapartida em b,c e d, não se verifica essa gramaticalidade das sentenças do inglês, uma vez que o elemento alvo de tópico ou tópico obstruiu a passagem do alçamento para a camada complementizadora (CP).

Ou seja, para explicar esse comportamento, é necessário aventar a efetividade de duas hierarquias funcionais para a valoração de traço de sujeito. Nessa lógica, teríamos duas propriedades atribuídas a sujeitos pré-verbais, ou seja, ser o sujeito gramatical de acordo com critérios morfossintáticos (responsável por checagem de traços, estabelecimento de Caso-

concordância) e ser o sujeito semântico, são atribuídas a duas projeções funcionais distintas, *AgrSP* e *SubjP*, respectivamente. Cardinaletti (2004) elucida que *SubjP* é a projeção onde o traço “sujeito-de-predicação” é verificado. Nesse viés, a propriedade semântica dos sujeitos é codificada na sintaxe por meio de um traço morfossintático.

Uma peculiaridade importante de se notar é que, enquanto *pro* e pronomes fracos apenas verificam Caso nominativo e os traços-φ e, posteriormente, são albergados em *Spec*, *AgrSP*, os pronomes fortes permanecem no curso da derivação até *Spec*, *SubjP*, na medida em que eles também verificam o traço de sujeito da predicação. Esse construto pode ser evidenciado abaixo.

- |                                                                                        |                                                                                   |
|----------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------|
| a. [SubjP                                                                              | [AgrSP <i>pro<sub>i</sub></i> <i>Vfin</i> [ ... [VP <sup>t<sub>i</sub></sup> ]]]] |
| b. [SubjP <i>Gianni<sub>i</sub></i> / <i>lui<sub>i</sub></i> / <i>egl<sub>ii</sub></i> | [AgrSP <i>t<sub>i</sub></i> <i>Vfin</i> [ ... [VP <sup>t<sub>i</sub></sup> ]]]]   |

(Cardinaletti, 2004, p. 122)

Rizzi (2003) observa que uma sentença que atende a um Critério é congelada no lugar e resiste a mais movimento para uma posição criterial distinta e mais alta (Congelamento Criterial). Dessa forma, se temos um sintagma movido para a posição de *SubjP*, com fito de atender ao critério do sujeito, será congelado e não poderá se mover para hierarquias mais altas. Nessa linha, Rizzi (2004) propõe que o EPP clássico pode ser reanalisado como um *Critério do Sujeito*, de forma que o núcleo funcional *SubjP*, distinto e superior a T e outros núcleos na estrutura funcional, atrai um constituinte nominal para seu *Spec* e determina a articulação sujeito-predicado, como se pode ver na seguinte configuração:

- (10) [DP [ Subj XP ]]

Sugerir uma projeção funcional que possibilita não só conter a propriedade semântica do sujeito da predicação, bem como albergar constituintes de natureza dativa e locativa ou até mesmo aqueles que não são movidos por necessidade de Caso contribui para o que se tem discutido até o momento. Esses PPloc, dessa forma, estão alocados em *SubjP*. Para isso, Rizzi e Shlonsky (2007) entendem que tal posição é obrigatória na estrutura da sentença (estando inserida dentro do campo flexional), haja ou não constituintes que a ele se veiculem.

- (11) [COMP ForceP TopP\* FocusP FinP [INFL *SubjP* *AgrSP* TP ... [VERB VP ]]]

À baila de Cardinaletti (2004), essa projeção funcional seria válida para todas as línguas e, portanto, não faria distinção de línguas de sujeito nulo ou expresso. O campo do sujeito pré-verbal seria mais uniforme do que o campo do sujeito pós-verbal; a diferença, nesse sentido, de línguas de sujeito nulo e línguas de sujeito expresso seria relacionada à natureza do núcleo de concordância (*Agree*), a qual a primeira licencia um sujeito não expresso.

Em cada língua natural, encontramos uma determinada tipologia. Isso posto, apesar de alguns autores defenderem que o PB é língua orientada para o discurso (Duarte; Kato, 2008), a partir das contribuições de Li e Thompson (1976), que defenderam o PB ser uma língua de proeminência de tópico, outros estudiosos afirmam que o PB é uma língua de proeminência de sujeitos (Kenedy, 2002). Há propostas de que em línguas de sujeito nulo, o sujeito estaria ocorrendo em alguma posição A- periférica da frase (Benincá; Cinque, 1985); já em línguas de sujeito não nulo, eles estariam albergados no domínio flexional [Spec, TP]. De acordo com Rizzi (1997), o sujeito teria *status* distinto a depender do tipo de língua.

Por fim, nesta seção utilizamos o arcabouço do Programa Cartográfico para defender mais de uma posição para valoração de traços do sujeito. Aplicando testes que evidenciam que há mais de uma posição de sujeito na estrutura funcional (Quarezmin, 2004), argumentamos a favor de duas instalações para o sujeito: a primeira para a checagem de Caso e traços-φ [Spec, TP]; a segunda responsável pela checagem do sujeito da predicação [Spec, SubjP].

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho objetivou propiciar uma análise do sintagma preposicionado locativo não-argumental em posição pré-verbal a partir das contribuições da Cartografia Sintática, sobretudo a partir do aporte das pesquisas de Cardinaletti (2004) para o italiano e Rizzi (1997,2003). A despeito de não ser um fenômeno restrito ao PB, observamos que o comportamento morfossintático difere das outras línguas românicas mencionadas.

Contrapondo aos testes de Avelar (2009), que faz uma irrestrita defesa de que o PPloc são alojados em Spec, TP, evidenciamos não só algumas questões problemáticas envolvidas a partir do teste do autor, bem como uma falta de comprovação empírica de que o núcleo de um PPloc seria um pronome adverbial dêitico.

Por fim, pautado numa análise *à la* Quarezmin (2019), entendemos que o constituinte preposicionado locativo concorda com um *pro* em Spec, TP, o que difere da abordagem e entendimento de Avelar (2009), que compreendem que mesmo esse constituinte preposicionado

checa Caso nominativo em Spec, TP. Nessa perspectiva, essa discussão e detalhamento ficarão para outro trabalho, a fim de esmiuçar as configurações sintáticas de ambas as construções.

## REFERÊNCIAS

- AVELAR, Juanito. Inversão locativa e sintaxe de concordância no português brasileiro. Matraga, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, p. 232 – 252, 14 jan. 2009. Disponível em: <<https://javelarnet.files.wordpress.com/2017/08/avelar-2009-matraga.pdf>>. Acesso em: 28 de ago. 2024.
- \_\_\_\_\_ ; CYRINO, Sonia. Locativos preposicionados em posição de sujeito: uma possível contribuição das línguas Bantu à sintaxe do português brasileiro. *Linguística: revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto, Portugal*, v. 3, p. 55 – 75, 2 mar. de 2008. Disponível em: <<http://ojs.letras.up.pt/index.php/EL/article/view/2806/2570>>. Acesso em: 28 ago. 2024.
- BENINCÁ, Paola; CINQUE, Guglielmo. Lexical subjects in Italian and the pro-drop parameter. Trabalho apresentado em Comparative Generative Grammar Fiesta. Salzburg, 1985.
- CARDINALETTI, Anna. Toward a cartography of subject positions. In: RIZZI, Luigi (Ed.). *The Structure of CP and IP. The Cartography of Syntactic Structures*, v. 2, EUA: Oxford University Press, 2004. p. 115-165.
- CARVALHO, Janaína Maria da Rocha. O que causa a alternância de verbos agentivos no Português Brasileiro?. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n. 47, 2013, p. 68 – 84.
- LARSON, Richard K. On the double object construction. In: *Linguistic Inquiry*, v. 19, n. 3, 1988, pp. 335 – 391.
- CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.
- CINQUE, Guglielmo; RIZZI, Luigi. The Cartography of Syntactic Structures. In: HEINE, Bernd; NARROG, Heiko. (org.). *The Oxford Handbook of Linguistic Analysis*. New York: Oxford University Press, 2010, p. 51-65.
- KENEDY, Eduardo. aspectos estruturais da relativização em português: uma análise baseada no modelo raising. (dissertação de mestrado). RJ: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.
- LEVIN, Beth; RAPPAPORT, Malk Hovav. *Unaccusativity: At the syntax-lexical semantics interface*. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

- LI, Charles N; THOMPSON, Sandra. Subject and topic: a new typology of language. In: LI, C. N. (Orgs.). *Subject and topic*. New York: Academic Press Inc., 1976.
- PONTES, Eunice. *O tópico no português brasileiro*. Campinas: Pontes, 1987.
- QUAREZEMIN, Simone. Sujeitos pré-verbais não topicalizados no Português Brasileiro. Comunicação apresentada no “Travessias em língua portuguesa: pesquisa e ensino”. Veneza, Università Ca’ Foscari, fevereiro de 2017.
- \_\_\_\_\_ ; REIS, Lívia de Mello. Posição SubjP: o caso dos sujeitos locativos no português brasileiro. *Revista Linguística: Projeções funcionais, cartografia sintática e nanossintaxe*. UFRJ, Rio de Janeiro, 2019.
- REIS, Lívia de Mello. A sintaxe dos sujeitos locativos no Português Brasileiro. 2017. 90 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.
- RIZZI, Luigi. The Fine Structure of the Left Periphery. In: HAEGEMAN, L. (Ed.). *Elements of Grammar*. Holanda: Kluwer, 1997. p. 281-337.
- \_\_\_\_\_. *The structure of CP and IP. The Cartography of Syntactic Structures*. v. 2. EUA: Oxford University Press, 2004.
- \_\_\_\_\_. On some properties of subjects and topics. In: BRUGÉ, L. et al (eds.). *Proceedings of the XXX Incontro di Grammatica Generativa*. Venezia, Cafoscarina, p. 203- 224, 2005.
- \_\_\_\_\_. ; SHLONSKY, Ur. Strategies of Subject Extraction. In: SAUERLAND, U.; GÄRTNER, H. M. (Eds.). *Interfaces + Recursion = Language?* Alemanha: De Gruyter Mounton, 2006. p. 117- 160.